

C-92568957

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 00001227

Data 05 / 02 / 2007

() Compra (x) Doação () Permuta



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A busca da identidade malandra em **"Malagueta, Perus e Bacanaço"**, de
João Antônio Ferreira Filho.

Mary Marmo da Silva

Pontes e Lacerda-MT

2006/2

82.03
55868
Ec 01

Dedico este trabalho a todos que, de forma direta ou indireta, fizeram parte da minha vida.

A minha família, que nas horas difíceis se fez valer através de palavras de apoio e incentivos.

Aos meus filhos que, juntamente com Edézio, participaram da minha caminhada árdua.

As minhas companheiras desse difícil caminho que não me deixaram desanimar...

Agradeço ao bom Deus que esteve ao meu lado em todos os momentos de minha vida e que me deu paciência e sabedoria para percorrer esse caminho.

A Pedro e Felipe, grandes inspirações da minha vida.

A todos os meus companheiros de caminhada com os quais aprendi diferentes maneiras de conviver em grupo.

A minha família, que esteve comigo sempre.

Desde os mais remotos tempos de nossa existência, desde o descobrimento, faz quinhentos anos, há sempre uma expressão prepotente de um olhar que, em nome da racionalidade classifica, nega o outro. (...) Da terrível impossibilidade de conviver com a diferença emerge a violência. Raramente tenta-se inverter o olhar e entender a irracionalidade do olhar que exclui, tortura, mata.

(PINHEIROS, 1988, p.17)



SUMÁRIO

RESUMO	07
INTRODUÇÃO	08
I - O MALANDRO NACIONAL COMO RESULTADO DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO	10
1.1 - IDENTIDADE NACIONAL E COLONIZAÇÃO.....	10
1.2 - COLONIZAÇÃO.....	11
1.3 - PERSONAGEM MALANDRO: O ANTI-HERÓI	13
1.4 - O PICAresco TRADICIONAL E O MALANDRO CARNAVALIZADO....	15
II - O CARÁTER SOCIAL DA FICÇÃO NO BRASIL.....	18
III - JOÃO ANTÔNIO: VIDA E CONTEXTO.....	21
IV - MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO:UMA ANÁLISE.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

RESUMO

SILVA, Mary Marmo

O presente trabalho constitui um estudo sobre a "Identidade Malandra", desde o início da colonização brasileira, estando este estudo centrado na obra de João Antônio Ferreira Filho *"Malagueta, Perus e Bacanaço"*, de 1963. A obra traz de maneira autêntica a situação dura e difícil de três personagens que procuram escapar da miséria e da fome, jogando o "jogo da vida" e tentando sobreviver no mundo em que se encontram. Há no corpo deste trabalho vários estudos sobre o tema: Da Matta, Rita Chaves e Tânia Macedo as quais enfatizam essa questão de maneira autêntica. Antonio Cândido, com o seu artigo "Dialética da Malandragem" (1970), contribui de forma a enriquecer a nossa análise nos abrindo um leque de possibilidades sobre esse tema.

Palavras-chave:

Identidade malandra, Malagueta, Perus e Bacanaço, marginalização

INTRODUÇÃO

Há na literatura uma relação intensa e uma original mistura entre vida e obra. Em sentido amplo poderíamos destacar que a obra literária recolhe em sua ficção temporária ou permanente processos de historicidade que conferem as relações entre indivíduos ou grupos.

A literatura brasileira é muito rica porque possui muitos escritores que marcam de maneira grandiosa as nossas letras, de forma geral. João Antônio Ferreira Filho faz parte desse universo. Ele descreve de forma inusitada a trajetória de indivíduos marginalizados e excluídos da sociedade capitalista de nosso tempo.

O nosso trabalho objetiva apresentar uma de suas obras e procuraremos relacionar com o nosso cotidiano a *identidade malandra* das personagens existentes em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, (1963). Obra esta que descreve com clareza a vida sofrida e amarga de três personagens que dão nome à obra.

No intuito de analisarmos a referida obra é que lançamos mão de estudos realizados sobre o tema "*identidade malandra*", que sustentarão a nossa análise.

O trabalho apresenta-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo constitui-se como um retrospecto de nossa colonização e os aspectos resultantes desse processo em nosso país, em nossa cultura. Utilizamos como ponto central para dar sustentabilidade teórica a obra de Edson Luís André de Souza, *Psicanálise e Colonização – Leituras do sintoma social no Brasil* (1999). A referida obra discute como foi esse processo e quais foram suas causas.

O segundo capítulo apresenta um diagnóstico sobre o caráter da ficção social no Brasil. Em seguida, já no terceiro capítulo, apresentamos a vida do autor e contextualizamos a sua produção literária de modo a fazer a uma breve apresentação da obra analisada neste trabalho.

O quarto e último capítulo é o da análise da obra. Buscamos neste momento associar a estrutura literária de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (1963) às teorias que sustentam as questões relacionadas com a *identidade malandra*

e, ainda propomos uma contextualização da obra com o cotidiano do povo brasileiro.

Ademais tentamos compreender que a obra de João Antônio Ferreira Filho está sendo descoberta e também sendo encarada como uma possibilidade de análise sobre a identidade nacional e/ou na ficção brasileira.

Usaremos no decorrer do trabalho a abreviatura MBP ao nos referirmos à obra de João Antonio, Malagueta, Perus e Bacanaço.

I - O MALANDRO NACIONAL COMO RESULTADO DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

1.1- Identidade malandra e colonização

Podemos definir a identidade malandra como uma “figura que habita o imaginário brasileiro” devido ao seu jeito tranqüilo, despreocupado e com uma capacidade ágil de escapar de “situações constrangedoras” e de sempre se sair bem de todas elas. Identificamos também que esse malandro se posiciona como um fora da lei, não a respeitando e muito menos a temendo, transformando dessa maneira a lei em benefício próprio, para assim conseguir sobreviver entre o “certo e o errado” aos olhos da sociedade.

Sendo vistos como excluídos e degenerados que só se preocupam em driblar os problemas do dia-a-dia, os malandros vivem nos dois lados da sociedade, tentando de várias formas, com malícia, astúcia e jogo de cintura encontrar a solução de seus problemas. Além de tudo isso, podemos notar que são vistos como avessos ao trabalho institucionalizado ficando, dessa forma, desvinculado ao padrão de “certo” imposto pela sociedade e pela cultura brasileira.

Rita Chaves e Tânia Macêdo em sua obra intitulada *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico* (2003) nos falam que “a figura do malandro indica um conceito de hibridização” que resume várias características apontadas pelas autoras: “Um ser pertencente a uma zona de inconsistência; dono de ginga, tentando suprir uma carência de cidadania; um marginalizado, estranho, de fronteira”. (p.237) Assim é descrito e dessa forma passa da imprevisibilidade ao híbrido e desta feita, realizando reflexões de atitudes antes nunca vistas ou revistas. Da Matta (1997, p. 263) afirma sobre esse “tipo” que:

“Ele é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluídos do mercado de trabalho, definido por nós como avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se”.

É evidente, na *identidade malandra*, que a maioria das pessoas fazem questão de apontar e evitar contatos com seres marginalizados que, em sua maioria, apenas estão preocupados com o *interior*, que os diferem do *caxias* que se preocupa com a parte da exteriorização pessoal. Segundo a afirmação de DaMatta, o malandro pode ser destacado “*num espaço social igualmente complexo, onde encontramos desde o simples gesto de sagacidade, feito por qualquer pessoa até o profissional de pequenos golpes...*” (1997, p. 269). Em nossa sociedade atual podemos encontrar essa *identidade malandra* com mais facilidade, pois o malandro sempre se destaca dos demais, jamais fica subtendido ou camuflado, já que o verdadeiro malandro não se envergonha de sua posição e se faz ser percebido pelos demais. Ele que quer ser visto socialmente como uma pessoa provida de esperteza e vivacidade, capaz de sobreviver às garras da ordem e da desordem da vida.

Podemos identificar essa identidade malandra em várias visões de estudos realizados por diversos autores, mas preferimos destacar apenas uma obra que retrata de forma clara e objetiva o tema, não nos deixando dúvida alguma sobre o que seja essa identidade malandra. Trata-se de “*Malagueta, Perus e Bacanaço*” de João Antônio (1963), obra que destaca três personagens que evidenciam essa identidade de forma ampla e clara.

A personagem malandra não povoa apenas o imaginário brasileiro, mas também nossa literatura como um marco importante que abre caminho para várias produções no campo de nossa história e de nossa identidade. O primeiro romance tipicamente nacional e que representaria essa personagem malandra é “*Memórias de um sargento de milícias*” (2002) de Manuel Antônio de Almeida, a qual foi estudada somente a partir de 1970 por Antônio Cândido. Esta obra é considerada como sendo a que deu o pontapé inicial no trato do tema relacionado a essa *identidade*. A personagem Leonardo Pataca usa de artifício e realiza manobras para conseguir, da maneira mais cômoda possível, aquilo que deseja.

Macunaíma é outra personagem tipicamente malandra que parece ter parentesco com as demais citadas anteriormente uma vez que possui características que definem a sua malandragem: preguiçoso, aproveitador, astuto, inteligente.

1.2 - Colonização

Segundo a afirmativa de Contardo Calligaris (1999), a colonização veio para que os estrangeiros se instalassem na nova terra descoberta e fizessem dos nativos dali seus escravos para o trabalho e para que as mulheres fossem exploradas sexualmente e, ainda, para se fazerem valer como pessoas que buscam novas conquistas para realização própria, um lugar ao sol. Calligaris (1999) enfatiza também que essa busca dos estrangeiros está relacionada a uma postura adotada na modernidade, pois os mesmos não estão em busca de satisfazerem necessidades e sim da satisfação pessoal que só é encontrada nos objetos e pessoas aqui descobertos; prova disso está na comercialização do pau-brasil que a elite usava para corar panos.

A colonização também trouxe grandes transformações para o ser humano, principalmente no que se refere às questões do “ser” e do “ter”, tendo esse segundo como o ponto chave para efeito social, ou seja, você é o que tem. Pelas leis da modernidade o ser humano é reconhecido e conseqüentemente obtém sua posição social à medida daquilo que possui.

A viagem de Colombo marcou o fim de uma tradição a qual estabelecia quem você “era” por nascença e/ou tradição familiar. Essa quebra fez com que a procura por riqueza e o prazer pelo novo se tornassem o eixo da organização do mundo moderno. *“A modernidade é uma nova organização psíquica e a colonização é a metáfora de uma nova subjetividade”*. (1999, p. 18) Essa subjetividade é histórica e o sujeito moderno não se define pelo mundo que encontra e sim pelo mundo que faz ou que transforma, isto é, que determina pela posição que ocupa. Se posicionando mais além, o ser humano não adquire apenas bens para sua subsistência, mas para obter *status* na sociedade onde está inserido.

De acordo, ainda, com Calligaris (1999), a modernidade inverte os valores da humanidade, criando certa imagem do correto, quando transforma o supérfluo em necessidade absoluta, transformando o ser humano em alguém que se reduz a ter objetos e viver de aparências, que passa a ver o moderno como condição de ostentação e luxo, como condição ainda de sobrevivência entre os demais numa sociedade. O acesso a certos lugares, às certas

pessoas está resumido apenas em “ter” e não em “ser”; a sua identidade está sujeita a posses. Esse é um dos muitos aspectos da colonização.

A colonização trouxe para o Brasil grandes transformações no que diz respeito a sua posição social. O sujeito social colonizado vive do reconhecimento do outro, sob uma máscara de falsidade. Não bastante, a colonização também trouxe certo apagamento da identidade nacional através do qual se nota uma crescente busca pelo “novo”, visto pelos olhos do norte-americano: o que é bom para eles é bom para o Brasil. Os valores nacionais foram apagados e substituídos pelos dos colonizadores. Sobre isso, Schwarz (1987, p.29) afirma que:

“Brasileiros e latino-americanos fazem constantemente a experiência do caráter postiço, inautêntico... e essa experiência tem sido um dado formado de nossa reflexão crítica desde os tempos da independência”.

1.3 – Personagem malandro: o anti-herói

A personagem malandra se identifica por uma ausência de valores, da qual ele se enquadra, diferenciando-o dos demais. O malandro tem agilidade, esperteza em se safar de situações que o constrange, como trabalho ou repressão, tendo uma enorme capacidade de sobreviver a certas intempéries. DaMatta (1978, p. 301) o define assim:

O malandro é corporificado na negação que o carnaval faz das estruturas de poder e autoridade e ao contrário do anti-herói este não busca dominar a estrutura do poder, vivendo dessa forma de seus absurdos e contradições.

Podemos verificar esta personagem malandra na obra de João Antônio *“Malagueta, Perus e Bacanaço”* (1963), na qual o autor relata as peripécias de três personagens que vivem à margem da sociedade e tentam ganhar a vida através de jogo de sinuca, que representa simbolicamente o

“jogo da vida”. A luta das personagens é por burlar as regras de uma sociedade injusta que despreza seus semelhantes.

A personagem malandra não respeita, nem crê em valores de autoridade e poder e vive entre a lei e a marginalidade, obtendo como resultado a exclusão e a falta de exercício da cidadania em uma sociedade que, nas palavras de José Vicente Tavares dos Santos (2002), impõe para essas pessoas uma “*cidadania dilacerada*” que poda as possibilidades e a participação social do indivíduo.

Na visão de Cândido (2002), o malandro “*sobrevive entre a ordem e a desordem*” em um universo que, de certa forma, “*possui uma certa ausência moral (...)*” (p.39). Essa personagem se define num universo hostil, pagando um alto preço por sua transgressão perigosa, punido com extrema violência. Violência esta que Guy Scarpetta ¹ relaciona ao termo “híbrido”.

“O que um termo como “impureza” me parece caracterizar não é apenas a heterogeneidade dos registros ou dos materiais utilizados, mas a maneira de tratar estes choques, esta multiplicidade ativa”.

(SCARPETTA, apud: BERND, 1998, p. 17)

Podemos perceber também essa questão da violência nas reflexões realizadas por Tavares dos Santos ²:

A violência consiste em um dispositivo porque é composta por diferentes linhas de realização: apresenta uma visibilidade, por vezes de modo demonstrativo; vem a ser acompanhada por uma enunciação; vale dizer, sempre uma violência é antecedida ou justificada, prévia ou posteriormente por uma violência simbólica (...)

(op. cit; p. 23)

1- In: ____ ZILÁ. Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1998.

2- In: ____ CÂNDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo: Ática, 1994.

Notamos também que a aparência da personagem malandra é muito visada pela sociedade, principalmente pelas autoridades que o reprime, pois ele é visto como uma caricatura, uma paródia do burguês, incluindo seu aspecto carregado que o evidencia para a polícia como um mau-elemento. Esta figura sempre faz questão de aparecer, deixando sua marca por onde passa o que caracteriza a sua busca de reafirmação.

Tânia Macêdo (2003, p. 64) afirma que existem outras maneiras de classificar a personagem malandra em suas várias formas de existência e que este estudo parte do caráter híbrido da personagem que, por sua vez, sobrevive numa ordem que exclui os menos favorecidos, aqueles que estão à margem da elite e que, de certa forma, transmite a desordem em que se encontra: incapaz de viver mediante padrões impostos por essa elite.

É através dessa posição que ele, o *malandro*, se depara com a questão da violência que é encarada por muitos como situação social e histórica e não "natural", como comenta Tânia Macêdo (2003, p.64).

De acordo com Roberto DaMatta (1997, p. 234) a personagem malandra não está situado na tradição popular e está relacionado com o anti-herói Pedro Malasartes que não crê em valores de autoridade e poder e tem como característica irrefutável a contradição por não negar o mundo que o oprime. Dentro dessa característica podemos vincular o anti-herói malandro à sociedade que o exclui e coloca em prova suas atitudes de sobrevivência, bem distantes do caminho da ordem impostos pela sociedade. Flávio R. Kothe (1987, p. 16) afirma justamente que "*o anti-herói é aquele que foge às regras impostas pela sociedade*".

1.4 - O picaresco tradicional e o malandro carnavalizado

De acordo com Carpeaux (1980, p. 158), o grande e melhor modelo de romance picaresco está na obra de Lazarillo de Tormes, de 1554. O romance é narrado em primeira pessoa, com uma forma característica que oscila entre cinismo e realismo em que o personagem plebeu sofre humilhações de toda espécie que o menino encara sem ressentimento devido a sua pureza de espírito. Na verdade, o romance picaresco autêntico só existe

na Espanha e está melhor representado em *Gusmán de Alfarache* (1599-1605), de Mateo Alemán.

Carpeaux (1980) acrescenta ainda que o romance picaresco fora da Espanha se tornara diferente, uma vez que, desapareceu o social dos vagabundos, uma espécie de filosofia do homem de rua, ficando apenas o realismo na descrição dos costumes e a sátira ao ócio e ao vício dos nobres.

O romance picaresco revela a miséria popular na base da sociedade, dando uma certa impressão de crítica ao sistema, porém não apresenta revolta. O material utilizado pelo romancista é o povo e o interesse pelos seus costumes, suas tradições e canções, pois destes são fornecidos os conteúdos dos quais trabalham.

A partir do século XVII desaparecem do romance picaresco as alusões satíricas contra o poder e, na Inglaterra, surge o *Unfortunate Traveller*, de Tomas Nash (1567-1601), sendo esta a primeira obra com reflexões realistas das personagens e reflexões sobre a moral. Nash revela grande curiosidade por viagens e descobertas, tem grande interesse por acontecimentos extraordinários e crimes sensacionais o que, segundo Carpeaux (1980, p.559), pode se tratar de uma certa ingenuidade literária do escritor. Esse não era o espírito do romance picaresco, mesmo sendo um grande romance. Os elementos que dissonavam do picaresco embora estivessem presentes ali só irão desaparecer com Defoe, Friding e Smollett.

Não existe nada de semelhante ao que a Espanha produziu e os estrangeiros cometem um equívoco quando transformam o estoicismo cínico em sátira ou crítica social estando ambos bem distantes do romance picaresco. O romance picaresco é mais psicológico, sendo, portanto, mais humano revelando uma perspectiva mais completa sobre as considerações relacionadas ao ser humano e as suas mentalidades diversas. DaMatta (1997, p. 263), afirma que:

O malandro carnavalizado é um ser deslocado das regras formais de uma sociedade que prioriza a classe que detém o poder. Está centrada em um continuum de ordem e desordem, do qual estão posicionados as posições sociais estereotipadas e conhecidas na sociedade brasileira.

Segundo DaMatta (1997), o malandro é definido por nós como avesso ao trabalho, como um ser individualizado pelo seu modo exclusivo de ser. Desempenhar o papel de malandro é criar um "carnaval" procurando assim se identificar num universo de hierarquias ligadas às molduras das leis e regulamentos, se empenhando em ser criativo e livre. Um mundo para o malandro não é um "Sete de Setembro", mas um "Carnaval", já que este é correspondido por relações entre pessoas e grupos, em que as barreiras de posições ficam suspensas, sendo visto como rito e festa da desordem.

Os tipos que denunciam um certo período como "carnavalesco" são tidos como marginais, pois estão situados nos pontos extremos da fronteira e o Carnaval é representado como um porão social com as portas sempre abertas. É no mundo da malandragem que vive essa posição privilegiada; é a voz, o sentimento e a improvisação que comandam as emoções. O coração é o criador das regras e a realidade interior é a mais importante.

O espaço social ocupado pelo malandro carnavalizado é muito complexo no qual podemos encontrar desde o gesto mais simples de sagacidade realizado por qualquer um, até aquele que realiza pequenos golpes aprovados pela sociedade que o desaprova a partir do momento em que este deixa de agir conforme o expediente.

O malandro carnavalizado povoa não somente a nossa cultura popular, mas também e de forma expressiva a nossa ficção literária em que aparece sempre dotado da capacidade de reverter as desvantagens em vantagens apropriadas para sua sobrevivência.

Cláudia Matos (1982, p. 41), diz que a figura do malandro está vinculada ao samba e ao morro carioca, numa relação estreita entre o ritmo e os homens que o criaram:

O samba dito malandro já surgia em movimento e transitando, na fronteira. Paradoxalmente, era pela afirmação de sua estranheza, de sua diferença que este samba ingressa no reconhecimento da sociedade global.

Segundo DaMatta (1997, p. 263), a negação que o carnaval faz das estruturas de poder e autoridade é corporificada no malandro. Esse malandro “não busca dominar a estrutura de poder e se sobrepor a ela”, ele vive nos interstícios do sistema, dos seus absurdos e suas contradições, burla as leis e sente-se orgulhoso pelo feito.

II - O CARÁTER SOCIAL DA FICÇÃO NO BRASIL

A perspectiva em relação à obra de ficção literária está relacionada às questões de ligamentos, dos quais, grupos e indivíduos de uma mesma sociedade fazem parte por meio da historicidade.

Vale ressaltar que, em grande maioria, os romances brasileiros são de uma realidade “superficial”, pois não estão em conformidade com a realidade humana. Fábio Lucas (1987, p. 6) afirma sobre isso que “*são baseados numa realidade imediata e superficial, pois se sustentam de episódios e de eventos desconexos*”.

De acordo com a citação de Fábio Lucas (1987), há uma certa dificuldade de separar o romance social do individualista cuja coletividade descrita venha arranjada de superficialidade de episódios inexpressivos, o que decorre da incapacidade do escritor em abranger a sociedade no seu ritmo vital, tendo essa perspectiva de melhor análise em um indivíduo apenas, representando dessa forma as contradições de uma sociedade inteira. Isso se dá pela classe que o identifica, na medida em que esse indivíduo obtém um lugar definido na progressão humana, ou seja, numa visão que engloba as perspectivas gerais e históricas do ser.

A narração é destacada por identificar os momentos vividos pelos personagens em sua totalidade.
O escritor precisa ter uma concepção do mundo na sua contrariedade móvel, para selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem contrários. (GEORG LUKÁS, 1987, p. 08)

Fábio Lucas (1987) ressaltar que cada grupo social que tenha uma consciência de seus interesses forja uma visão de mundo que esteja de acordo com seus ideais. Nesse sentido, podemos enfocar que o romance social se posiciona ao lado de questões coletivas, ou seja, registra acontecimentos de determinados grupos, suas tragédias, suas glórias, enfim, não destaca de maneira principal um ou outro personagem porque está focado na sociedade em geral. Em sua afirmação, Fábio Lucas (1987, p.13) afirma que:

"Os melhores romances (...) sociais são aqueles que primam pela negação do sistema que nega o homem, que tritura reduz os seus horizontes, que o transforma em coisa".

Se vistos dessa forma não são fantasiosos e sim reais, pois não se utilizam de sonho de visionários ou de pura utopia. Existem dois lados na tradição do romance brasileiro: um em que a personagem não está adaptada ao meio físico, ou seja, este encontra dificuldade no meio, outro seria a tensão criada a essa inadequação que a personagem encontra.

Ressaltamos que a melhor referência em expressar de forma autêntica a vida social e de fato real, seja o conto, um gênero literário que surgiu no Brasil como forma de protesto referente às contradições da sociedade da época, ou seja, a contemporânea. José Edson Gomes, escreveu em 1968 "As sementes de Deus" e, em 1966 "Os rotulados", que retratam essas contradições. O livro do contista Wander Piroli, de 1966, "A mãe e o filho da mãe", mesmo com título contraditório apresenta uma narração acima da de muitos escritores e a esse respeito, Fábio Lucas (1987) acrescenta que "(...) *constitui, pela situação, um dos melhores, senão o melhor conto da moderna literatura brasileira de protesto (...)*".

Malagueta, Perus e Bacanaço (1966) apresenta traços extremamente autênticos e cheios de expressividade. Aborda o submundo da periferia das grandes cidades e engloba aspectos como malandragem, prostituição e o crime que corrompe crianças e jovens. Retrata a maneira simples dessas pessoas e revela também o início da "mutilação" vivida pelo ser humano, sua vida dura e de humilhações. Sobre esse aspecto, o próprio autor depõe:

(...) o que carecemos, em essência, é o levantamento de realidades brasileiras vistas de dentro para fora. Necessidade de que assumamos o compromisso com o fato de escrever sem nos distanciarmos do povo e da terra. (JOÃO ANTÔNIO, 1987, p. 68)

Há de se dizer também sobre os outros gêneros como o satírico, o burlesco e o humorístico os quais eram utilizados como forma de expressar as verdades, já que os escritores haviam perdido o direito de dizer o que

pensavam às claras. A necessidade de criar uma nova linguagem para expressar essas idéias “verdadeiras” sobre a sociedade resultou no que CARPEAUX (1980) denomina de *“linguagem esópica”*. A partir dos anos 60, os escritores utilizam esses meios que são eficazes e de extrema comunicação, revelando, dessa maneira, as questões sociais em geral. O que Fábio Lucas (1987, p. 74) define como *“(...) críticas de denúncia à pobreza e de comiseração para com as vítimas do sistema”*.

III - JOÃO ANTÔNIO: VIDA E CONTEXTO

João Antônio Ferreira Filho nasceu na capital paulista no dia 27 de janeiro de 1937, filho de família de imigrantes portugueses de poucos recursos. Publica seu primeiro conto “O crisol” em 1949 num jornal infanto juvenil. Por volta de 1954, ainda lendo e escrevendo muito, começa a freqüentar salões de sinuca da cidade.

Em 1958 ganha os concursos de contos realizados pela revista “A Cigarra” e pelo jornal “Tribuna da Imprensa”, ambos situados no estado do Rio de Janeiro. No mesmo ano inicia o curso de Jornalismo. Em 1959, ganha o concurso de contos do jornal “Última Hora de São Paulo”. Em 1960 houve um incêndio em sua casa que destruiu os escritos originais do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Somente em 1963, após ter sido totalmente reescrito é que foi publicado. No mesmo ano, recebe o prêmio Fábio Prado e dois prêmios Jabuti (de autor revelação e de melhor livro do ano).

Em 1964 muda-se para o Rio de Janeiro para trabalhar no “Jornal do Brasil”. Dois anos depois volta para São Paulo, onde faz parte de uma equipe criadora da revista “Realidade”. Possui contos publicados na Alemanha, na Venezuela e até na Tchecoslováquia.

De volta ao Rio de Janeiro, em 1968, passa a colaborar com diversos jornais e em 1975 publica o “Leão-de-chácara” e “Malhação do Judas carioca”.

O “Livro de cabeceira do homem” é por ele editado, sendo criado em seguida a expressão “imprensa nanica” no jornal “O Pasquim”. No mesmo ano é agraciado com o prêmio Ficção da APCA (SP)

Em 1977, seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* é adaptado para o cinema e recebe o nome de “O jogo da vida”. Recebe outro prêmio, (o troféu Calango, do Prêmio Brasília de Ficção), em 1983, pela publicação do livro “Dedo duro”. No mesmo ano e pela mesma obra recebe o prêmio Pen Club.

Em mais de quinze livros, deixou á mostra sua extrema habilidade em fundir a linguagem utilizada nas ruas à escrita literária, atuando, ao lado da carreira de escritor, como um dos árduos defensores dessa arte, também na imprensa. Sua obra premiada é objeto de análise dos mais importantes críticos

Dessa maneira, as personagens tentam driblar as regras postas pelo jogo e a ganhar de seus adversários individualmente, “trabalhando” de maneira organizada e em equipe. E essa maneira organizada coletivamente não é percebido em Pedro Malasartes ³ sendo este também um grande malandro mas que prefere viver seus logros e aventuras sozinho. Conta apenas com sua força e prefere viver no mundo do que criar raízes, colocando uma enorme confiança em sua individualidade.

A vida das três personagens está comparada a um jogo de sinuca o qual se faz necessário saber jogar, armar a jogada e ter paciência.

“E naquele leite-de-pato que deu um joguinho sério, um começava a medir o outro com intenções e safadezas no pensamento, começavam a bailar tímidas, nascendo, roendo, devagar”.

(M.P.B. p. 68, 2003)

Ressaltamos também que além de todos os percalços do caminho enfrentados pelas personagens de M.P.B (1963), não podemos esquecer que estes, apesar de tudo, tinham também seus amores, sofredores como eles.

Dois-três dias sem ver a preta, que era sua preta e negra vendedora de pipocas, amendoim e algodão-de-açúcar nas noites à luz do cinema do Moinho Velho com seu carrinho de coisas e seu lenço à cabeça, e que aceitava Malagueta no barraco da favela do Pequeré. Dava-lhe bóia, comiam e bebiam os dois, davam-se. Como crianças. Mas o velho, patife, muitas vezes, furtava-lhe algum. (M.P.B. p.p. 39-40, 2003)

Apesar dos sofrimentos estes também amavam e eram capazes de apenas por um segundo se entregarem à felicidade mesmo que momentânea, com quem se sentissem bem e à vontade, sem que houvesse cobranças. Pois que estes viviam no mundo e para o mundo, sem paradas fixas, sem raízes cultivadas.

3- Personagem malandra que tem sua origem apresentada por Câmara Cascudo no clássico “*Contos Tradicionais do Brasil*”. Rio de Janeiro, 1967.

As personagens, aparentemente parecem satisfeitas com a vida que levam, mas vivem cercadas de mistérios.

... solidões constantes, vergonha, carga represada de humilhação, homens pálidos se arrastando (...) cada um com seu problema e sem sua solução (...) iam todos juntos, mais ilhados, recolhidos como martelo sem cabo.

(M.P.B. p. 43, 2003)

Há no íntimo de cada personagem uma solidão que não é preenchida e nem será nunca, por ocasião de viverem marginalizadas, excluídas e desprovidas de qualquer benefício ou chance que a vida poderia proporcionar.

Roberto DaMatta (1936) ressalta que Pedro Malasartes também é um modelo de sobrevivência e sucesso, mas não de integração na ordem social. Essa personagem pode ser tomada como protótipo do malandro-herói das zonas ambíguas da ordem social, quando é difícil afirmar qual o certo e o errado, o justo e o injusto, que perpetuam códigos moralizadores que sufocam o indivíduo sem berço e reforçam dessa maneira as injustiças sociais.

Podemos afirmar, de fato, que as personagens Malagueta, Perus e Bacanaço sobrevivem como Pedro Malasartes, mas o sucesso obtido é apenas momentâneo para a sobrevivência do dia-a-dia. Esse sucesso não diz respeito a conseguir melhorar de vida, de situação perante a sociedade em que vivem, mas apenas conseguir alguns determinados desejos dos quais possam se realizar enquanto seres humanos com pouco ou sem nenhum recurso para a sobrevivência ou para a realização de conquistas pessoais, sem nenhum desejo de ocupar algum lugar de destaque na sociedade.

(...) com uma quina já poriam meio pé fora do buraco. Correriam a todas as bocas do inferno da cidade, cortariam aquela onda besta de azar (...) Rodariam e levantariam no fogo do jogo um tufo de dinheiro. Tinham a noite e a madrugada. (M.P.B. p. 25, 2003)

Salientamos que a malandragem não é prioridade daqueles cuja sorte não se encontrava ao seu lado. Há no conto uma personagem que, de certa forma, deveria defender a sociedade de qualquer circunstância que as colocasse em perigo, mas este se encontra no meio da "curriola", atento no

jogo de sinuca e pronto para defender a qualquer custo o dinheiro que por estratégia venha a ser seu, impondo a sua “carteira”, marca o seu lugar.

Lima, tira aposentado, vivia nas rodas do joguinho (...) enquanto o jogo durasse. Ali jogava, ali jantava sanduíches (...) Nem era um malandro, nem era um velho coiô (...) era um velho gordo e estranho (...) naquelas bocas do inferno e que usava palavras desusadas (...) ademais, Lima sustentava influências.

(M.P.B. p. 28, 2003)

As personagens da obra de João Antônio, *“Malagueta, Perus e Bacanaço”* (1963) têm seus defeitos, seus pontos fracos e sem integridade positiva e, citando um verso de Noel Rosa (2003, p.233) *“é coisa nossa, muito nossa”*, nos quais este se refere que a personagem malandra é própria de nações muito jovens e que a dita “pureza” não existe.

Os bares imundos freqüentados pelas personagens de João Antônio são os espaços principais onde se passa o “jogo da vida”. *“O boteco era, duma fileira de botecos. Pequenino, imundo, mais escuro e descorado, àquela hora, à zoeira das moscas”*. (M.P.B. p. 36, 2003)

Como podemos perceber são lugares de extrema pobreza, marginalizados pelo aspecto fétido que apresentam. Ainda assim, era este o ambiente das personagens que seguiam unidos na escalada da sobrevivência, tentando, vez ou outra, freqüentar outros ambientes:

“(...) era noite de sábado (...) ruas limpas e iluminadas (...) gente bem dormida, vestida e tranqüila (...) da Água Branca e Perdizes. Moços passavam sorrindo, fortes, limpos (...) aqueles viviam”.

(M.P.B. p. 37, 2003)

Ver tudo aquilo do qual eles não pertenciam os machucava e com isso a tortura dilacerava seus corações, sentiam-se menores diante daquelas pessoas que tinham vida boa sem maiores sacrifícios. *“Eram três vagabundos viradores, sem eira nem beira”*. (M.P.B. p. 37, 2003)

Esses vagabundos têm o tempo todo de se sujeitarem a enfrentar o fogo do jogo e aperfeiçoar a malandragem, escapando dos “tiras”, ou ao

contrário, não teriam nada para comerem ou para vestirem. *“Ninguém lhes daria a mínima colher de chá – curtissem sono, fome e cadeia”*. (M.P.B.p.38, 2003)

O dia-a-dia das personagens Malagueta, Perus e Bacanaço exige jogo de cintura, paciência e equilíbrio para que eles possam chegar onde desejam, ou tentarem sobreviver às incertezas da vida que poderia dominá-los, como se estivessem “armando um jogo”, se preparando para a sobrevivência.

“(...) disputa só com as bolas seis e sete, era viável... as safadezas cresciam... dissimuladas... habilidades de combinações... Sinuca à passatempo é jogo de trouxa”.

(M.P.B. p.p. 68-69, 2003)

Podemos perceber que no jogo de sinuca, assim como no jogo da vida, não se pode ter medo de perder, tem que jogar. Enfrentar todos os obstáculos e seguir adiante, tendo consciência de que é preciso jogar em todas as situações da vida. Assim, estamos adquirindo experiências para enfrentarmos as situações que o *“jogo da vida nos coloca”*. As três personagens sabem que é preciso correr para conseguirem ganhar “algum” enquanto os luminosos estão acesos. *“Rodar, funcionar, vasculhar todas as bocas do inferno e depressinha, enquanto houvesse luminosos acesos”*. (M.P.B. p. 44, 2003)

Malagueta, Perus e Bacanaço sabiam que se não aproveitassem a noite, a cidade não lhes ofereceria mais nada e não conseguiriam sobreviver, pois encontrariam apenas restos e lixos. A noite na cidade era dos que viviam dela e as luzes cobriam suas verdadeiras identidades, deixando-os mais belos, pois a luz reflete calma e harmonia.

Saem a campo rufões de olhos sombreados, vadios, erradios, inveterados, otários, caras de amargura, rugas e problemas (...) mulher lindíssima de vestido de roda, passos pequenos, olhos pintados de verde (...) malandros pé-de-chinelos (...) Era a hora muito safada dos viradores. (M.P.B. p. 42, 2003)

Entretanto, esses luminosos escondiam suas verdadeiras situações. Situações estas vividas por cada um de maneira cruel e sem cor.

A situação vivida pelas três personagens é bem representada, pois, define de forma cruel a situação dos marginalizados, das pessoas que vivem excluídas pela sociedade. O interior das pessoas não é importante, seus sentimentos e seus sonhos são vistos na superficialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contardo Calligaris (1999, p. 68) afirma que *"(...) em certos momentos nossa cultura é extremamente desvalorizada por nossas elites, tomando em seu lugar a cultura européia (...)* Diante dessa afirmação, consideramos esse fato lamentável já que estamos diante de grandes riquezas que o Brasil possui deixadas em evidência por grandes autores de nossa Literatura.

João Antônio Ferreira Filho escreveu grandes trabalhos dos quais podemos nos orgulhar e que reafirmam a riqueza cultural de nosso país. Basta sabermos reconhecer esse poder e valorizá-lo como ele realmente merece. Sobre isso Mário de Andrade (1999) comenta que *"só seremos civilizados no dia em que criarmos o ideal, a orientação brasileira"*.

Contudo, não basta apenas direcionarmos esse ideal a uma cultura regional. A valorização cultural tem que ser passada e analisada de maneira geral, uniforme. Glissant (2005, p.74) comenta que:

"O problema (...) é mudar o imaginário, a mentalidade e o intelecto das humanidades de hoje (...) os conflitos étnicos e nacionalistas cessem de ser vistos como necessidades impossíveis de serem evitados".

Nossa cultura deve ser trabalhada com verdadeiro afinho a fim de ser reconhecida não apenas nacionalmente, mas mundialmente para que possa ser valorizada, sendo também respeitada na sua totalidade para que a imposição de outras culturas não anule a essência existente na cultura brasileira. A cultura brasileira deve ser o marco inicial para grandes pesquisas para que dessa maneira possamos ver adiante nosso país brilhar mundialmente.

A busca pela identidade malandra é um terreno fértil para outras inúmeras possibilidades de estudos. O nosso trabalho é uma pequena análise da obra de João Antônio e constitui-se apenas como uma dessas possibilidades. Uma pequena gota do que ainda se tem a descobrir nesse campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antônio. *A nova narrativa*. In: *Educação pela noite e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pastorais, epopéias herói-cômica e romance picaresco*. In: *História da Literatura Ocidental*. 2. ed. Vol. 3. Rio: Alhambra, 1980. cap. 3.

CHAVES, Rita e **MACÊDO**, Tânia (org.). *Malandragens nas Literaturas do Brasil e de Angola*. In: *Literatura em movimento – hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte e Ciências, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Um triângulo de dramas, um triângulo de heróis*. In: *Carnavais malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE SOUSA, Edson Luiz André (org.). *A psicanálise e o sujeito colonial*. In: *Psicanálise e Colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

_____. *Que país é este? A (des) construção da identidade nacional*. In: *Psicanálise e Colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

ÉDOUARD, Glissant. *Cultura e identidade*. In: *Introdução a uma poética da diversidade*. Minas Gerais: UFJF, 2005. (Coleção Cultura)

FERREIRA FILHO, João Antônio. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1987.

LUKÁS, Fábio. *O caráter social da ficção no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

KOTHE, R. Flávio. *O herói.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MACÊDO, Tânia. *Malandros de várias terras.* In: *Angola e Brasil: estudos comparados.* São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da malandragem".* In: *Que horas são? Ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.